

Resenha

ARCURI, Carlo U. & PEERSMANN, Andréas (org). **Romanesque – Lukács 2016: cem anos de Teoria do Romance**, n.8 2016. Revista do Centro de Estudos do Romance e do Romanesco (CERR) da *Université de Picardie - Jules-Verne*. Editora Classiques Garnier, Paris, 2016.

Camila Chernichiarro<sup>140</sup>

Após cem anos da publicação de *A teoria do romance*, de Georg Lukács, o Centro de Estudos do Romance e do Romanesco da *Université de Picardie – Jules Verne*, no norte da França, dedicou um conjunto de ensaios a esse clássico da crítica literária mundial na revista *Romanesque*. Sob a coordenação de Carlo U. Arcuri e Andréas Peersmann, o periódico aponta para questões múltiplas que se coagulam ainda hoje em torno dessa obra e da teoria literária do pensador húngaro. A retomada teórica de Lukács na atualidade – não apenas na Europa, mas também dos países latinos-americanos – é motivada pelo esforço de compreensão da dinâmica do capitalismo no século XXI, e nada melhor do que, para isso, refletir sobre “simplesmente o maior pensador marxista e um dos maiores filósofos do século XX” (Avant-propos, p.9) para auxiliar nessa empreitada.

O objetivo dessa edição é fazer um balanço da obra em questão e pontuar sua herança, rica e disputada. *A teoria do romance* é um estudo de juventude do filósofo, publicado em 1916, e se encontra como uma *oeuvre-carrefour* que suscita aproximações e rejeições intelectuais, principalmente a partir da resistência de Lukács em realizar uma republicação após a segunda edição datada de 1920. A edição de 1962 acaba afinal por ser feita, sob o imperativo do famoso prefácio, no qual o teórico admite as limitações do método, ainda essencialmente pré-marxista e neo-kantiano, e justifica historicamente essa sua postura crítica anterior à sua leitura dos *Manuscritos econômicos e filosóficos* de Karl Marx. Haveria uma separação na obra de Lukács, entre o jovem inquieto em plena 1ª Guerra Mundial e o adulto maduro vinculado politicamente às transformações decorrentes da Revolução Russa? Quais seriam o lugar e o destino do gênero romanesco na obra em questão, na crítica literária em geral e no próprio pensamento de Lukács? Qual é o sentido do épico na origem da teoria sobre “o grande realismo” e da recusa de certos aspectos da modernidade literária?

As questões levantadas integram o corpo da revista inicialmente na *Abordagem sobre o romanesco*, cuja parte é constituída por dois artigos. O primeiro deles foi escrito pela romancista espanhola Belén Gopegui, traduzido para francês por Anne-Laure Bonvalot, e trata da escritura da política no romance.

---

<sup>140</sup> Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Literatura do Departamento de Teoria Literária e Literaturas – TEL/IL/UnB. Email: camila.chernic@gmail.com.

*Un coup de pistolet au milieu d'un concert* (Um tiro de pistola no meio de um concerto), frase célebre de Stendhal, dá título ao ensaio que pretende discutir quais são as implicações políticas da literatura. A partir da análise de dois romances de Stendhal (*O vermelho e o negro* e *A cartuxa de Parma*), Gopegui mostra que o romanesco deve conter a política, sendo impossível recusar a atenção, apensar de ser um ato grosseiro, conforme aponta o escritor francês. A condição para o romanesco se manter enquanto tal seria a capacidade de reconfiguração do mundo político “dentro do limite de um quadro vivo onde os grandes problemas da época são vistos e apresentados através do percurso vital do sujeito” (Avant-propos p.11). Essa abordagem politizante da literatura é percebida nos escritos teóricos de Lukács, que, a partir de 1930, recusa toda forma de didatismo e insiste na necessidade de introduzir a política no romance pelo viés da experiência concreta dos homens. As reflexões de Gopegui, feitas numa conferência na Universidade de San Diego (Califórnia), nos convidam a questionamentos sobre o caráter político de aspectos aparentemente estrangeiros a ela como a esfera dos sentimentos e do privado, domínio caro à literatura. O segundo artigo dessa primeira parte apresenta a análise de volumes de *Em busca do tempo perdido* de Proust pelo Prof. Allain Schaffner. Trata-se de entender como o romanesco se reconfigura na obra proustiana através de diferentes formas de idealização e projeções dos protagonistas, partindo da versão de romanesco fundamentada pelo próprio Proust ligada aos sonhos amorosos de Swann e Odette de Crécy.

A segunda parte, intitulada *Dossier Lukács 2016*, é o núcleo da revista e é composta por onze ensaios, escritos por diferentes teóricos, entre eles o próprio Lukács com um texto inédito, traduzido para o francês por Jean-Pierre Morbois, e o pensador marxista brasileiro Michael Löwy, radicado na França. *Reportage ou figuration? Remarques critiques sur un roman d'Ottwalt* (Reportagem ou figuração? Observações críticas sobre um romance de Ottwalt) do filósofo húngaro, escrito em 1931, é de grande interesse para os especialistas do romance, pois se trata da polêmica sobre a adaptação deste gênero às novas forças históricas inauguradas pela Revolução de Outubro e suas sequelas. A atmosfera dos anos de 1930 na Europa conduz a reflexões sobre a responsabilidade inédita que passa a ter a literatura nesse momento. Lukács faz uma crítica circunstancial e ponderada ao romancista Ernst Ottwalt, parceiro de Brecht com quem escreveu um filme propaganda da causa operária. Para o filósofo o gênero romance-reportagem é um “epifenômeno da miragem da imediatez e do culto da atualidade que caracterizava já o romance naturalista e os romances de crítica social do romantismo tardio” (Avant-propos p.13), o que mostra sua preferência pelo realismo crítico do burguês esclarecido Thomas Mann em detrimento da prosa engajada dos escritores proletários. Segundo os organizadores da revista, este artigo é um documento de

intensidade rara com uma posição política implacável que ameaça, aos olhos dos leitores de hoje, deixar como pano de fundo a função estritamente estética da obra de arte.

Em seguida, nos deparamos com o ensaio, fruto da parceria entre Michael Löwy & Robert Sayre, que pretende discutir o conceito de romantismo anticapitalista presente em *A teoria do romance*, demonstrando a pertinência e a atualidade da concepção não linear do tempo cuja obra de juventude de Lukács, “com seu messianismo”, renega. No artigo seguinte, Jean-Marc Lachaud trata do *grande realismo*, noção ausente na obra homenageada, formulada apenas em escritos dos anos de 1930. O autor aponta que a problemática envolvendo o debate com Brecht e Bloch sobre o expressionismo é na realidade vinculada à ruptura entre classicismo e modernidade, dicotomia rejeitada por Lukács em nome do conceito de totalidade. Logo em seguida, há uma análise comparada dos conceitos e do léxico utilizados pelo jovem Lukács e por Max Weber (desencantamento do mundo, demonização etc.), que, apesar serem susceptíveis a aproximações, apresentam papéis distintos e inesperados no jogo de empréstimos mútuos entre a sociologia e a estética literária.

A coesão orgânica do perfil intelectual de Lukács e de sua trajetória é problematizada pelos quatro ensaios seguintes, de Pierre Rusch, Jean-Pierre Morbois, Charbonnier e Landry & Leguerrier. Afirma-se que *A teoria do romance* é um anúncio do verdadeiro pensamento de Lukács, que será desenvolvido em plenitude na sua fase marxista. Portanto, a escolha da obra em debate, renegada por seu autor e preferida de vários filósofos do século XX, não é arbitrária: seria esta uma maneira de confirmar o escopo teórico maduro de Lukács, a partir do contraponto orgânico do seu próprio pensamento. Esses textos contribuem para o “relembroamento” de uma trajetória destacada insistentemente por bifurcações. “Para escutar o sentido de um autor, é preciso acordar passagens contrárias” afirma Charbonnier.

Os dois ensaios seguintes concentram-se na problemática hermenêutica e literária das obras de juventude de Lukács. Nicholas Poirier busca compreender de que forma o romance se configura como expressão da dificuldade do indivíduo habitar no mundo. Contrastando com obras de Kundera, Pavel e, sobretudo, Bakhtin (sabe-se hoje que ele tinha conhecimento de *A teoria do romance* no momento da escritura da sua fenomenologia do romance), o autor destaca a importância de se ler o jovem Lukács, posto que, a partir da sua reflexão do romance como gênero marcado pela ruptura entre o herói problemático e o mundo desencantado, pode-se questionar a significação e a amplitude da criação da modernidade e do próprio romance, apontando a autonomia do indivíduo e a ação sem modelo pré-existente, que inventa meios de percorrer a aventura da vida. Damien de Carné concentra-se, por sua vez, no romance medieval, sobre o qual *A teoria do romance* não se debruça detidamente. Apesar de Lukács afirmar que *Dom*

*Quixote* é o primeiro romance no sentido próprio do termo, o autor identifica indicações preciosas sobre épocas anteriores, de Chrétien de Troyes, por exemplo.

Com uma temática mais recente, Jacques Lederer sublinha a importância do livro *Realismo crítico hoje* para os jovens que sonhavam com uma literatura alternativa sob os preceitos do *Nouveau Roman*. A “solidão intelectual [de Lukács] o segue ainda hoje” diz o professor. Aprofundando a noção de decadência, ele junta-se à defesa estética do grande realismo do teórico húngaro, apesar de assumir que, em alguns momentos, Lukács subestimou potencialidades artísticas importantes no panorama literário do século XX. A parte central da revista é, então, finalizada com o ensaio de um dos organizadores, Carlo U. Arcuri, que retoma três noções lukacsianas: o épos, a *kultur* e o *ser genérico*. Essa aproximação epistemológica justifica-se pelo interesse de estabelecer uma leitura contrastiva entre *A teoria do romance* e as obras posteriores do autor, na perspectiva de que a estética seria um dispositivo contra a história triunfante.

A última parte da revista é dedicada a entrevistas com escritores. O escolhido de Andréas Sfersmann, também organizador do volume, foi o romancista austríaco Robert Menasse cuja trajetória estética, intelectual e existencial é marcada pela figura do pensador húngaro. Menasse afirma que as obras lukacsianas determinaram seu conceito de romance e de personagem romanesco, assim com sua concepção do processo histórico, no momento em que a maioria de seus colegas preferiam Adorno na Universidade de Viena, por volta dos anos de 1970 e 1980.

A revista segue um movimento peculiar que integra seu objetivo central: do avesso descortinar o essencial já anunciado. O caráter dialético da obra de Lukács expande-se à estrutura dos próprios ensaios, deixando formalizada a herança de um grande teórico, que soube fazer da especificidade da arte a chave de toda emancipação política digna desse nome.

Diante de uma das crises mais agudas da história ocidental, em que forças antagônicas hesitam a tomar frente e assumir o desafio colocado, “o pensamento de Georges Lukács está de volta, menos como um fenômeno de moda ou de ocasião de celebração pontual, mas com a força e a paciência de conceitos” (Avant-propos, p.21). Assim, somos convidados pelos ensaios instigantes e necessários reunidos neste histórico número a resistir teoricamente ao relativismo pós-moderno em voga, rumo à ação paciente e dialética da transformação efetiva do homem em humano.